

## "Acompanhar, Discernir, Integrar"

Há cerca de dois meses (Junho de 2017), a *Alêtheia Editores* publicou este livro de grande atualidade e de grande oportunidade para o nosso Projeto Pastoral Diocesano: "Família, berço de Deus para a Humanidade".

Três especialistas apresentam um pequeno guia para uma nova pastoral familiar tendo como ponto de partida a Exortação *Amoris Laetitia* do Papa Francisco.

Trata-se de um bom contributo, sério e profundo, sobre o tema. Deixa claro que, ao contrário do que apareceu na comunicação social, o Papa mantém toda a fidelidade à Tradição da Igreja e aos Princípios do Evangelho. Mesmo que o Papa, em momentos circunstanciais, possa dar a entender alguma rutura para com a Doutrina da Igreja, isso não traduz a sua orientação de fundo e oficial, explícita na Exortação, tão fiel à reflexão sinodal dos bispos e dos seus antecessores.

Insiste este livro que, especialmente em casos mais fraturantes e sensíveis, o sacerdote e até o bispo não têm autonomia para decidir fora da reflexão geral da Igreja.

A pastoral familiar deve incidir na "pastoral do vínculo" e na insistência do "amor verdadeiro". Jesus, no episódio da samaritana, acolhe a mulher, anuncia o amor verdadeiro e denuncia os desvios desse amor, para a levar à conversão e à mudança de vida. Trata-se de um 'caso difícil', mas Jesus depois de lhe anunciar o "amor verdadeiro", mostra-lhe o desvio desse "amor" ("*...o que tens agora, não é teu marido*" – Jo 4, 18). Toda a pastoral do acompanhamento que não aponte para o anúncio e testemunho do Evangelho não deve ter essa designação. Tratar-se-ia de uma espécie de terapia ocasional, sem solucionar a questão de fundo.

Os autores lamentam que a pastoral dos jovens tenha omitido, incompreensivelmente, a formação para o matrimónio: "Nos últimos quarenta anos a pastoral juvenil não deu lugar a uma pastoral matrimonial eficaz" (pg. 53). Os jovens não entenderam o cuidado e os grandes esforços da Igreja como preparação e motivação para o matrimónio.

O livro assume-se como uma espécie de 'guia de pastoral familiar', apoiando-se no tríptico: Acompanhar, Discernir, Integrar.

O desafio é promover uma aproximação misericordiosa das fragilidades humanas no que respeita às exigências do Matrimónio: "A Igreja oferece a todos os homens o espaço da sua comunhão que

os salva do dilúvio pós-moderno dos amores inconsistentes, como uma nova Arca de Noé que resgata a família humana" (pg. 85).

Os autores insistem, várias vezes, que, na implementação deste tríptico, é preciso evitar equívocos em relação à misericórdia: "Esta tende a ser equiparada a uma compaixão emotiva que se compadece perante as feridas, mas não identifica o verdadeiro mal" (pg. 93). Também não se pode equiparar a misericórdia à tolerância para com as situações manifestas de mal. Assinalam que a misericórdia bíblica está muito além da simples compaixão e da tolerância. Ela é capaz de regenerar o coração humano, libertando-o de todo o mal.

Este princípio aplicado à ação pastoral – de modo especial, às situações difíceis – torna-se uma grande exigência de apresentar, com paciência e caridade, a verdade maior do Evangelho. Apela-se para que grupos de famílias missionárias possam colaborar para esta presença e acompanhamento junto das famílias em situações mais difíceis, para que estas possam ter uma formação mais aprofundada sobre o matrimónio, no intuito de abandonarem uma situação 'irregular' presente e possam regressar ao vínculo inicial do 'amor para sempre, apesar de...'. Claro que esta atuação está muito longe de aplicações e acomodações simplistas, mas evidencia a doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade matrimonial.

Tal como Jesus, esta verdade, para além da compaixão, cura, e, para além da tolerância, transforma.

O livro procura clarificar alguns desvios que ocorrem nalgumas situações, no que respeita à relação entre a Eucaristia e o Matrimónio, concluindo que "os divorciados com uma nova união, que aceitam não receber a Eucaristia, prestam um serviço ao bem comuns de todas as famílias" (pg. 108). Esta prática defende o bem da Igreja, possui um valor educativo em relação aos filhos e mostra a valentia dos pais, ao darem um testemunho autêntico e real da sua fé.

Os autores apresentam esta reflexão que remete para um ideal e para o "regresso intransponível" a uma relação primeira, que um conjunto de circunstâncias tornou irreparável e irremediável. Será viável uma tal vivência, privada de toda a emoção e sentimentos? Perguntamos. Nem a justificação de uma mentalidade pós-modernista vitimizante poderá ser a razão explicativa destas 'situações difíceis', que sempre existiram, tal como no tempo de Jesus!

Sobre o discernimento, referem os autores que não se trata de fazer um juízo sobre o estado de graça interior de uma pessoa,

independentemente da sua situação, mas de 'julgar' um ato externo, público e visível, expressão de claro desajuste em relação à "essência divina, que é Esposo fiel da Igreja" (pg. 121). Por isso, a não admissão à comunhão dos divorciados recasados. Insistem: "No confessional, o sacerdote deve discernir o ato; o estado de alma permanece escondido" (pg. 122). O discernimento do coração está, pois, reservado para Deus.

No respeitante à comunhão eucarística, aclaram: "A questão da admissão ao Banquete eucarístico não é apenas um assunto sobre o estado de alma das pessoas, mas do seu estado de vida que, no caso presente, está em pública contradição com o significado da Eucaristia" (pg. 122). Mais ainda, dizem que, em muitos casos, os divorciados recasados não teriam o desejo profundo de receber a Eucaristia, caso não estivessem nesta situação específica. Com alguma ousadia, afirmam: "O que se deseja, em sentido estrito, não é a Eucaristia, mas o direito a receber a Eucaristia" (pg. 145).

Concluem os autores que o verdadeiro discernimento não consiste em fazer exceções às regras estabelecidas, mas sim a forma de encontrar modos adequados e ajustados de dirigir e acompanhar as pessoas ao longo de um caminho. E como defendem, o Papa, ao incluir o capítulo VIII, remete para a esperança de que é possível um regresso ao vínculo autêntico e à sua verdade.